

II-6,8.

**AVULSO**  
**ALUMINUM**  
**FOLHA**  
**JOCO-SERIA-ILLUSTRADA**  
**PUBLICA**  
 REVISTAS. CARICATURAS. RETRATOS. MODAS.  
 VISTAS. MUZICAS. ETC. ETC.  
**ASSIGNA-SE**  
**RUA DO OUVIDOR**  
**59**  
**SOBRADO**  
**PREÇOS.**



P. 148  
 195

CORTE		PROVINCIAS	
Um mez . . . . .	25000	Semestre . . . . .	117000
Trimestre . . . . .	57000	Anno . . . . .	217000
Semestre . . . . .	107000	Avulso . . . . .	500
Anno . . . . .	207000		

O PAGAMENTO É SEMPRE ADIANTADO

11-95.  
 8 5 P.M.  
 15

## FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

## AS PROEZAS DO SR. DE LA GUERCHE

por Amedée Achard.

## Primeira parte

## CAPITULO I

## CASTOR E POLLUX

No anno da graça de 16..., época em que começa esta narração, não havia em toda a antiga provincia da Marche inimigos mais irreconciliaveis e, ao mesmo tempo, amigos mais intimos do que o conde Armando de la Guerche e seu visinho, o marquez Reinaldo de Chaufontaine. Dez leguas em redôr, fidalgos, burguezes, villões, todos os tinham muitas vezes encontrado montados em rossins do paiz, ou empenhados em terrível duelo nas clareiras do bosque.

Verdadeiros heróes de mythologia, o conde Armando e o marquez Reinaldo erão a um tempo Orestes e Pylades, Eteocle e Polynice. De boa mente qualquer d'elles se expunha á morte para defender o outro, e no entanto não passavão um só dia sem brigar seriamente, como se fossem dous encarnicados inimigos. Começavão sempre por palavras affectuosas e acabavão por golpes terríveis. Quando não se abraçavão, esmurravão-se.

A sympathia dos dous jovens fidalgos provinha da grande semelhança de idade e de gostos. A causa da antipathia era a differença de religião. O conde Armando de la Guerche era huguenote; e o marquez Reinaldo bom catholico. Um tirava o chapéo quando se fallava no finado almirante de Coligny; o outro entendia que o Sr. de Guise era um santo. Por isso durante seis horas do dia amavão-se, e odiavão-se durante as outras seis. O resto do tempo era dedicado á esgrima, á pesca, á equitação. Dizia-se na provincia que só um homem montava a cavallo tão bem como Reinaldo, e esse era Armando; e que só um homem era tão perito no manejo das armas como Armando, e esse era Reinaldo. O conde atravessava um rio como um cysne; o marquez transpunha um barranco como um cabrito montez.

Quando alguém encontrava o joven Reinaldo a cavallo, correndo nas planicies já sabia que andava á procura de Armando; quando via o conde, com a cabeça descoberta, passando como um gamo pelo coração das mattas já sabia que ia ao encontro do marquez. Mo-

mentos depois, quando conseguião reunir-se, sentavão-se á beira de um corrego e almoçavão um pouco de pão e alguns goles de agua fresca. Se estavam fatigados, adormecião ao lado um do outro.

« Nysus e Euriale! » dizião os sabichões da terra.»

Mas se no dia seguinte se ouvia n'um atalho do bosque o embate de dous ramos de carvalho, com acompanhamento de imprecações, os camponezes já sabião que os dois inseparaveis estavam empenhados n'uma luta tremenda.

« Achilles e Heitor » dizião elles sorrindo e ninguem se dava ao trabalho de intervir.

O huguenote e o catholico tinham quasi a mesma estatura. Erão ambos altos, flexiveis, ageis e vigorosos, como podem sel-o dous rapagões criados em plena liberdade campestre, crestados pelo sol, açoitados pela chuva, tismados pelo vento, affeitos a arrostar o nordeste, e o gelo, e a dormir ao relento. Um louro, de cabellos annellados; o outro moreno, de coma negra qual aza de corvo. Armando era o chefe de todos os pequenos protestantes do paiz; Reinaldo commandava os catholicos das dez freguezias circumvisinhas, e os dous generaes nunca perdião o ensejo de fazer vir ás mãos as duas facções rivaes. E era n'esses encontros que se podia bem aquilatar a indole de cada um d'elles. Reinaldo, impetuoso, temerario, eloquente como um heróe de Homero, occupava sempre o posto de maior perigo; Armando, tenaz, inflexivel, rapido em suas evoluções, no mais renhido combate nunca esquecia que era general. Manobrava seus imberbes soldados, como se fossem velhos guerreiros; Reinaldo, pelo contrario, accommettia com a cega impetuosidade do touro, confiando sempre no acaso, que elle chamava—o deus da guerra.

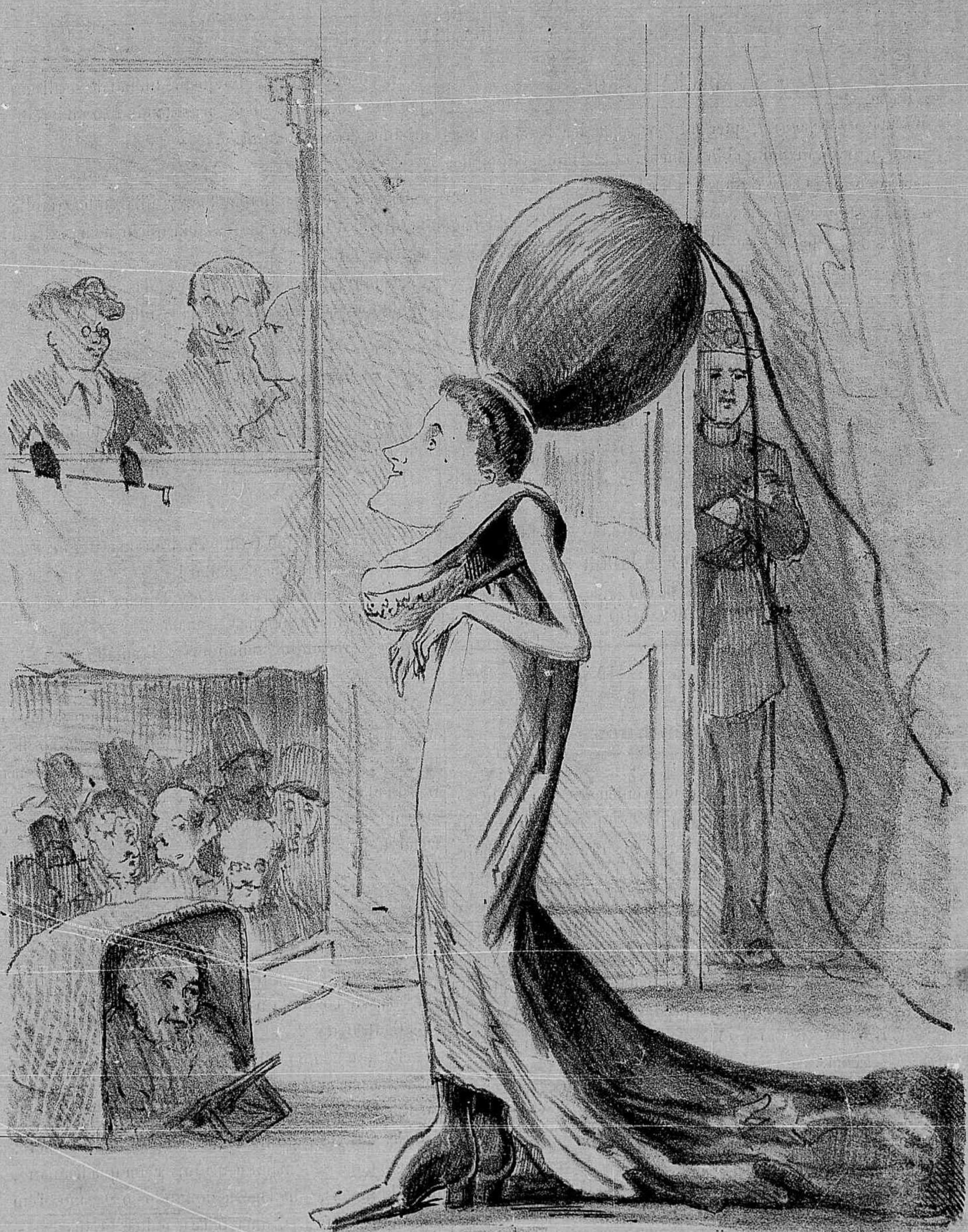
Aos 14 annos, De la Guerche lia em latim os *Commentarios de Cesar*; e Chaufontaine devorava com entusiasmo as sorprendentes aventuras de Don Galaor, e as cavalleirosas epopeas de Amadis das Galias.

O Sr. de Chaufontaine não tinha sómente a pretensão de vencer seu competidor com a arma em punho, queria tambem convertel-o. Para conseguir tal desideratum e arrancar uma alma das garras malditas do demonio, lia por vezes obras pias, orações e theses escolasticas, chegando mesmo a decorar alguns fragmentos, que considerava eloquentemente edificantes e que recitava ás arvores do parque.

As arvores conservavão-se mudas, e tanto bastava para o Sr. de Chaufontaine considerasse irrespondiveis seus argumentos.

Foi, porém, tudo em vão. Armando não se convertia

(Continúa na pagina 11)



ALCAZAR

La Gandon qui fait aller les Gandins !

## DECLARAÇÃO

O *Arlequin*, querendo corresponder dignamente ao valioso auxilio que lhe tem sido prestado pela população nacional e estrangeira do Imperio, e tendo reunido um nucleo de artistas e redactores, escolhido entre os mais habilitados e distinctos desta côrte, resolveu augmentar o seu formato e numero de paginas, e como sejam outros os seus planos futuros deliberou tambem mudar o seu titulo, que será de ora em diante

## A VIDA FLUMINENSE

Para agradar a todos os paladares, *A Vida Fluminense* será uma folha jocosa-seria, publicará retratos, biographias, caricaturas, figurinos de modas, musicas, romances nacionaes e estrangeiros, artigos humoristicos, chronicas, revistas, etc.

Assigna-se *A Vida Fluminense*, tão somente na

59 RUA DO OUVIDOR 59

SOBRADO

PROXIMO AO JORNAL DO COMMERCIO

## A VIDA FLUMINENSE

## Perilampos

Começo por uma carta:

« Amigos Assignantes. Conveniencias altamente sociaes obrigão-me a dar um passeio pelas provincias do Imperio. Deixo-vos em meu lugar minha querida irmã *A Vida Fluminense*, que, espero, continuará a merecer de vós a mesma valiosissima protecção, com que sempre me honrastes. A digressão que vou fazer não será improficua; mandar-vos-hei mensalmente uma pacotilha, escripta ou desenhada, contendo todos os primorosos fructos que produz a frondosa arvore do ridiculo. Tenho razões para crer que a colheita não será má. Veremos. Vosso respeitador

« ARLEQUIM. »

( Estava a firma reconhecida. )

\*\*\*

A cabeça que falla l'he faz com ella tão grande escarceio o empresario do Gymnasio !...

Grande admiracão ! Só na camara dos deputados ha mais de cem cabeças, e quasi todas fallão.

Será algumas d'estas que o Sr. Furtado quer impingir ao publico ?

\*\*\*

Segue brevemente para o campo da guerra um lu-zulo e eburneo corpo de voluntarios, todo composto de negros miúdas.

Era tal o vehemente desejo que tinham de se alistarem que corrião, e voavão... a ponto de não poderem os urbanos *acompanhal-os* !

\*\*\*

O Sr. Spyers (o heróe do gaz hilarante) publicou ha dias um rol das pessoas em quem tem extrahido dentes sem dôr.

Quando publicará elle a relação das que tem gritado a ponto de serem ouvidas pela vizinhança ?

\*\*\*

Em 24 de dezembro p. p. veio inserto no *Jornal do Commercio* este annuncio :

« Vende-se uma preta moça com e muito bom leite, tendo uma cria de seis mezes, boa ama de leite. »

Quem ? A cria ?

\*\*\*

Está em ensaios no Gymnasio o drama — *Forca por Forca*. Que titulo de afugentar !

Veremos como será *executado* (lembra-me agora que executar tambem significa — matar.)

Já faço trocadilhos sem querer. E então ?

\*\*\*

Vai ser brevemente apresentado ao empresario do Aleazar um abaixo assignado de toda a população fluminense, pedindo a suspensão, durante um seculo das representações do — *Meirinho e a pobre*, ducto engracadissimo, que... Muito boa noite; vou dormir a fartar hoje.

## Uma ostra social

— Conhecem o Sr. Calixto ?

— Nem eu, mas já tive o prazer de conhecê-lo em um salão de contrafeitos.

— Contrafeitos ?

— Porque não o podião aturar. Ouçõ-me e d'gão-me se ha paciencia humana, que resista ao desejo de dar-lhe dous pontapés nas costas.

O Sr. Calixto é um homem por graça da divindade, porque podia, sem maior censura, ser um qua humano, ou, pelo menos, uma lagosta do fundo do Oceano. Tem dous olhos, um nariz, uma bocca, e duas orelhas, pequenas por economia da natureza. Veste-se, porque, se o não fizesse, os moleques correrrião atraz delle, ás pedradas, gritando como os *ganins* de Paris — *Et ta saur ?*

Põe um chapéo na cabeça, como poria outra qualquer cousa, e calça-se por instincio para não encallecer os pés.

Sem os signaes, que fôrão lidos, ninguém poderia

conhecê-lo, mesmo no sumptuoso edificio do Pocinho da Gloria, pertencente aos Srs. Cotrim & Carvalho.

— E' o Sr. Calixto? pergunta uma negrinha de casa-co de velludo, herdado da senhora moça no dia da coração. Meus Senhores não estão em casa; forão hoje para Sapopemba e só voltão para o anno.

Lá se vai o Sr. Calixto.

Palmas n'outra casa.

— E' o Sr. Calixto? pergunta um guarda-portão de barbas, mas sem bigodes. O patrão e a patroa forão visitar as parentes nos sertões de Matto-Crosso e só voltão d'aqui a tres annos.

E lá se vai o Sr. Calixto.

Nova casa, novas palmas.

— E' o Sr. Calixto? pergunta um moleque esfarrapado, que accende a lamparina da cancela. A Senhora foi para o fim do mundo e só volta depois que o Senhor morrer.

E lá se vai o Sr. Calixto.

— E' o Sr. Calixto?

Emfim, ninguem quer soffrer o Sr. Calixto, porque... é o Sr. Calixto.

Mas o diabo tem a sua hora, e lá uns desgraçados filhos de Eva são pillados de sopelão, e não tem outro remedio senão mandar o Sr. Calixto entrar.

Foi o que aconteceu n'essa noite fatal, em que tive o prazer de conhecer o Sr. Calixto.

Era uma sala de moças. Velhos só havia eu e um primo, que encobre a idade, mas que já rasteja os sessenta e seis. O dono da casa, á semelhança de Mme. Benoiton, sahio, mal abriu a porta ao Sr. Calixto.

Estava nã sala o nosso heroe.

Tres minutos depois da chegada do Sr. Calixto, já eu sabia de que tempera era essa espada de Damocles.

— Então minha senhora (*para a dona da casa*), como vão indo os seus gatinhos?

— Mortos por vel-o. Quer beijar algum? Espere que já volto.

(*Sahe a dona da casa*)

— Então minha senhora, (*para a filha mais velha*) como vão indo as suas bananeiras

— Já estão com cacho. Quer ver alguma? Eu lhe trago um pé.

(*Sahe a filha mais velha.*)

— Então, minha senhora (*para a segunda filha*), como vão indo as suas meias? Tem dado muitos pontos nellas?

— Não, senhor; estava justamente á sua espera. Sei que tem geito para essas cousas, e quero entretel-o emquanto conversamos. Já volto.

(*Sahe a segunda filha.*)

— Então, minha senhora, (*para a mais moça*), como vão indo as pulgas desta casa?

— Cada vez peiores. Espere um bocadinho que ha de vel-as subirem do tapete para as suas pernas.

(*Sahe a mais moça.*)

— Então, Sr. Chiquinho (*para o primo*), ha muita lagarta na sua chacara?

— E Nem faz idéa. Trouxe hoje uma que é quasi do seu tamanho. Ora espere.

(*E sahe o primo.*)

— Então, meu caro senhor (*para mim*), não me conhece.

— Felizmente tenho já essa satisfação.

Peguei no chapéo, descí, correndo a escada, e só tomei folego um quarto de hora depois.

Soube, d'ahi ha dias, que o Sr. Calixto ficou, sózinho, na sala até ás 11 horas.

O moleque veio dizer-lhe que era hora de fechar a porta da rua.

— E o chá?

— Pois o Sr. Calixto não tomou cha? A familia já tomou, e estão todos accommodados.

O Sr. Calixto levantou-se já era tempo.

— Está bom, dizem as senhoras que amanhã hei de vir mais cedo para conversar.

No dia seguinte, recebia o Sr. Calixto, a seguinte cartinha do dono da casa.

«Amigo e Sr. Calixto. — Sinto que hontem não se quizesse utilizar do meu chá, por ser de pobre. Tomei isso como uma desfeita, que me obriga a romper as nossas relações. Em minha casa, todos devem alimentar-se — o contrario importa um descredito para o agazalho, que devo aos meus hospedes. Á vista de tal procedimento, peço-lhe que não se cause mais em vir á esta casa, que só póde receber as pessoas, que tomão chá. Seu ven.º e er.º &c.»

O Sr. Calixto leu, releu o bilhete e exclamou, com grande pesar.

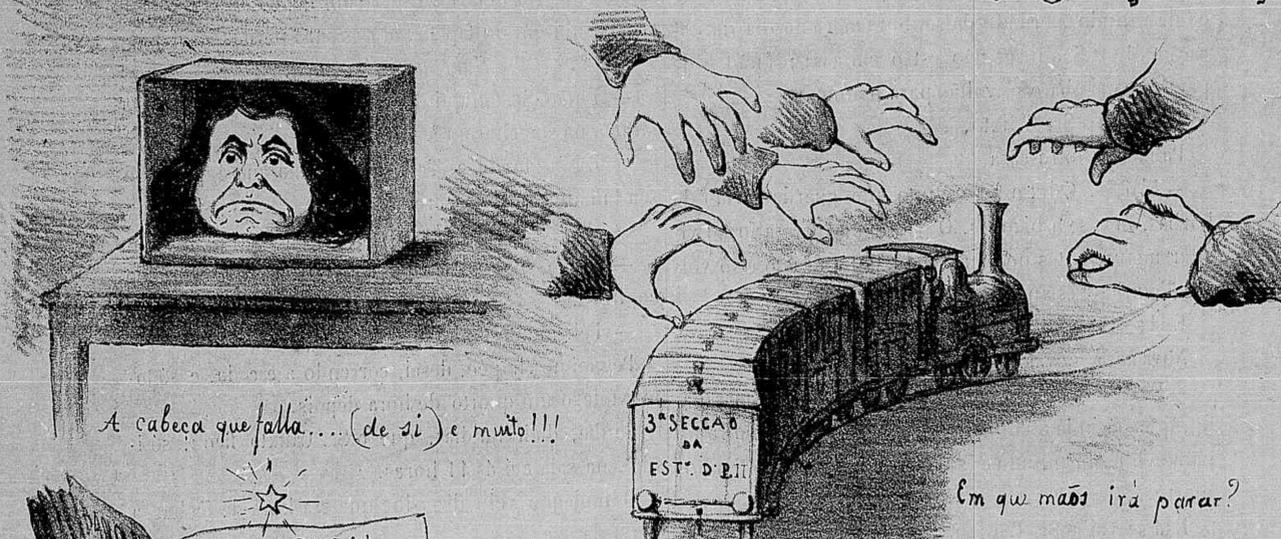
— Ninguem se póde fiar em negros! Não me offerecerão chá e os senhores derão o cavaco. Tem toda a razão. Sem duvida disserão que eu não tinha querido! E no entanto, perco uma amizade, em cuja casa tanto me divertia!

### Eu e o meu charuto

Os negros minas vão salvar a patria!

Nas praças, nas ruas, nos becos, por toda a parte a caçada é geral; ninguem escapa; o pobre povo, victima de quanto monopolio lhe querem arrumar, está prestes a soffrer um outro terrivel e assustador!

# ACTUALIDADES



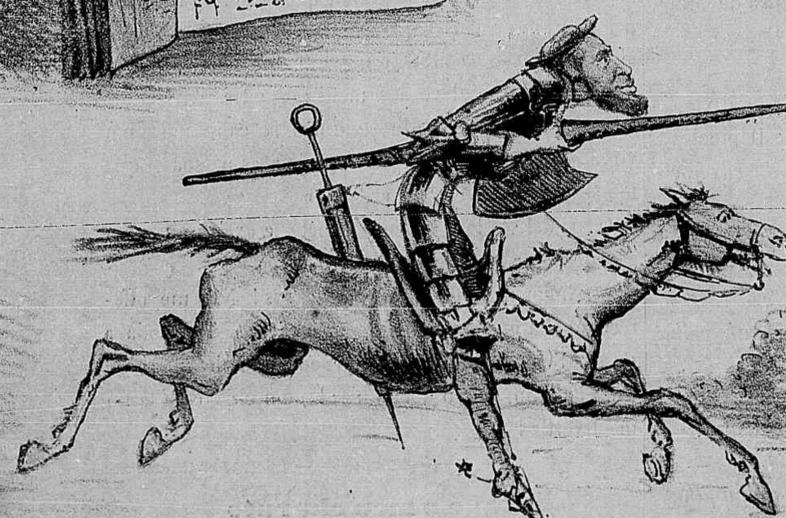
A cabeça que falta... (de si) e muito!!!

3ª SECCAO DA EST. D'ELI  
Em qu maos irá parar?

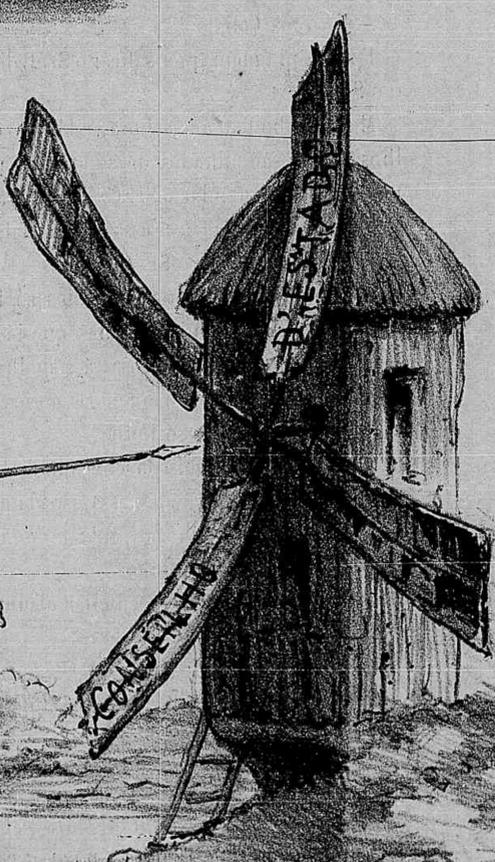
**BANCO RURAL**  
Contas correntes

1	54	4	3	0	1	200	400
2	128	3	0	0	5	600	400
3	864	3	0	0	5	600	400
4	1892	3	0	0	5	600	400
5	2357	921	1	0	0	0	0
6	2357	921	1	0	0	0	0
7	2357	921	1	0	0	0	0
8	2357	921	1	0	0	0	0
9	2357	921	1	0	0	0	0
10	2357	921	1	0	0	0	0
11	2357	921	1	0	0	0	0
12	2357	921	1	0	0	0	0
13	2357	921	1	0	0	0	0
14	2357	921	1	0	0	0	0
15	2357	921	1	0	0	0	0
16	2357	921	1	0	0	0	0
17	2357	921	1	0	0	0	0
18	2357	921	1	0	0	0	0
19	2357	921	1	0	0	0	0
20	2357	921	1	0	0	0	0
21	2357	921	1	0	0	0	0
22	2357	921	1	0	0	0	0
23	2357	921	1	0	0	0	0
24	2357	921	1	0	0	0	0
25	2357	921	1	0	0	0	0
26	2357	921	1	0	0	0	0
27	2357	921	1	0	0	0	0
28	2357	921	1	0	0	0	0
29	2357	921	1	0	0	0	0
30	2357	921	1	0	0	0	0
31	2357	921	1	0	0	0	0
32	2357	921	1	0	0	0	0
33	2357	921	1	0	0	0	0
34	2357	921	1	0	0	0	0
35	2357	921	1	0	0	0	0
36	2357	921	1	0	0	0	0
37	2357	921	1	0	0	0	0
38	2357	921	1	0	0	0	0
39	2357	921	1	0	0	0	0
40	2357	921	1	0	0	0	0
41	2357	921	1	0	0	0	0
42	2357	921	1	0	0	0	0
43	2357	921	1	0	0	0	0
44	2357	921	1	0	0	0	0
45	2357	921	1	0	0	0	0
46	2357	921	1	0	0	0	0
47	2357	921	1	0	0	0	0
48	2357	921	1	0	0	0	0
49	2357	921	1	0	0	0	0
50	2357	921	1	0	0	0	0
51	2357	921	1	0	0	0	0
52	2357	921	1	0	0	0	0
53	2357	921	1	0	0	0	0
54	2357	921	1	0	0	0	0
55	2357	921	1	0	0	0	0
56	2357	921	1	0	0	0	0
57	2357	921	1	0	0	0	0
58	2357	921	1	0	0	0	0
59	2357	921	1	0	0	0	0
60	2357	921	1	0	0	0	0
61	2357	921	1	0	0	0	0
62	2357	921	1	0	0	0	0
63	2357	921	1	0	0	0	0
64	2357	921	1	0	0	0	0
65	2357	921	1	0	0	0	0
66	2357	921	1	0	0	0	0
67	2357	921	1	0	0	0	0
68	2357	921	1	0	0	0	0
69	2357	921	1	0	0	0	0
70	2357	921	1	0	0	0	0
71	2357	921	1	0	0	0	0
72	2357	921	1	0	0	0	0
73	2357	921	1	0	0	0	0
74	2357	921	1	0	0	0	0
75	2357	921	1	0	0	0	0
76	2357	921	1	0	0	0	0
77	2357	921	1	0	0	0	0
78	2357	921	1	0	0	0	0
79	2357	921	1	0	0	0	0
80	2357	921	1	0	0	0	0
81	2357	921	1	0	0	0	0
82	2357	921	1	0	0	0	0
83	2357	921	1	0	0	0	0
84	2357	921	1	0	0	0	0
85	2357	921	1	0	0	0	0
86	2357	921	1	0	0	0	0
87	2357	921	1	0	0	0	0
88	2357	921	1	0	0	0	0
89	2357	921	1	0	0	0	0
90	2357	921	1	0	0	0	0
91	2357	921	1	0	0	0	0
92	2357	921	1	0	0	0	0
93	2357	921	1	0	0	0	0
94	2357	921	1	0	0	0	0
95	2357	921	1	0	0	0	0
96	2357	921	1	0	0	0	0
97	2357	921	1	0	0	0	0
98	2357	921	1	0	0	0	0
99	2357	921	1	0	0	0	0
100	2357	921	1	0	0	0	0

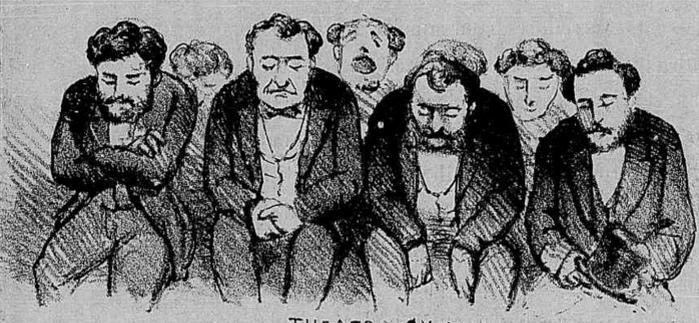
Pelo que  
gemem os presos!  
gemem os caixeiros!  
gemem os bancos!  
gemem os Conselheiros!  
Geme tudo!!!



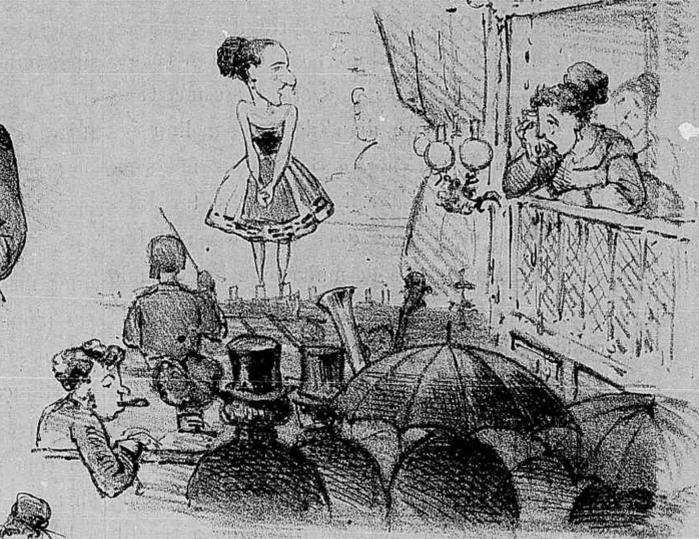
Uma Duichotax que leva agua no bico



Recrutamento de negros Minas que mina para o governo



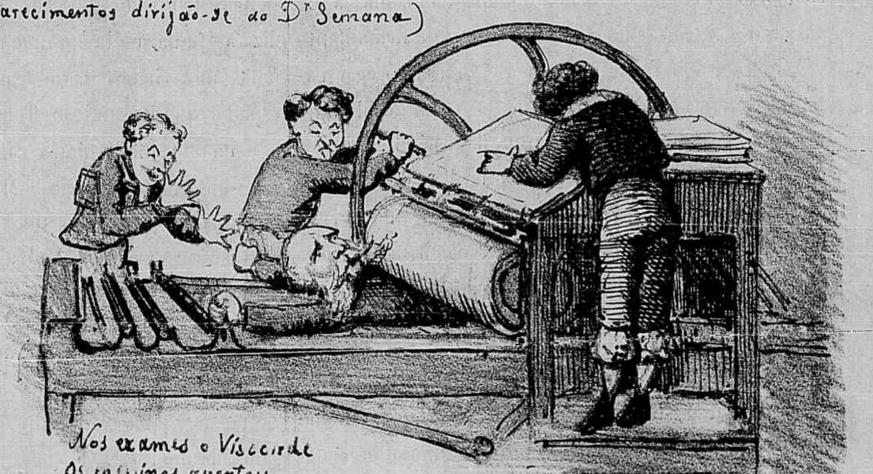
THEATRO GYMNASIO  
Efeitos do Opio e champagne.  
(Nem podáo ser outros)



ALCAZAR  
Precaução necessaria nas noites em que se representam los souvenirs de jeunesse Jacó de Deus e outras choras duras



Passa-se a scena no restaurant de S. Francisco de Paula  
(para esclarecimentos dirijáo-se ao D' Semana)



Nos exames o Visconde os inimigos apertou  
Mas nos probos finalmente D'apertado de... estourou!

A.

Não ha mais pretos de quitanda!

A classe pobre vai soffrer com isso; não tem mais quem lhe traga á porta o repolho, a nabica, a conve, a alface, etc, etc. O chitús devem aproveitar a occasião que não lhes póde ser melhor; associe-se o celeste imperio, monopolise a *quitanderia* e escame tambem por sua vez este povo, digno de muito melhor sorte. A tristeza e a consternação são visiveis nos semblantes das filhas do *lanho* e do *ocú*; seus turbantes estão em desordem, as ligas quebradas, e seus taboleiros vasilos! E o que será de muita gente boa quando ellas se ausentarem para sempre com o seu mercado innocente e gentil das portas da rua Direita?!...

Ah! malvado Lopez! quantas pragas não tens em cima do cachaço!

O meu charuto é quem falla, eu não faço mais do que escrever; é um serviço que lhe presto em recompensa d'aquelles que me faz, por isso torno a repetir não me responsabilizo pelas asneiras que forem apparecendo na *Vida Fluminense*.

Ainda não vi quem gostasse de fallar tanto; começa a pular-me n'algibeira apenas entro em casa e não socega enquanto não lhe corto o bico e lhe chego uma brasa á ponta. Feito isto agora o verás; a fumaça, a cinza não me deixio parar, é segredo d'aqui, segredo d'aolá, novidade d'aqui, d'aolá, até que me vejo forçado a pegar na penna e a rabiscar no papel aquillo que me segredão.

Ha manias que prejudicão e a humanidade tem sido victima dellas; este tem a mania de quebrar para flear rico e arruinar os credores, aquelle tem a mania de gastar o seu e o alheio com os astros do firmamento *alcazarino*, aquelle outro tem a mania de pregar calletes a todo o mundo (desta mania já eu tenho sido uma respeitavel victima); emfim o mundo está cheio dellas e para não ir muito longe, ha uma no Rio de Janeiro, que se a camara municipal me quizesse attender, eu promoveria uma subscrição para lhe erigir uma estatua que symbolissasse ao mesmo tempo a philantropia e a humanidade!

Lá vai a mania.

A menos que se não tenha uma chacara, não ha ninguém que goste de dormir na cidade com as janellas do sobrado fechadas, nem os proprios moradores das casas terreas; fechão a rotula o melhor que podem, mas conservão a porta de dentro aberta.

E para que é tudo isso?!

Porque o fazem?!

Respondão aquelles que se revolvem na cama sem poderem dormir com o formidavel calor que nos tem assado.

Mas os Srs. varredores, com aquella gravidade que lhes conheciã, começaram ás duas horas da noite no seu innocente serviço e agora o verás; as vassouras trabalhão, o po sóbe, á altura de dous andares, os narizes d'aquelles que ronçào ficão entulhados, as mobílias de jacarandá ficão brancas e quem tem a desgraça de passar na occasião fica.... fica.... eu sómente peço a qualquer dos Srs. *vereadores* que passe pelos *varredores* n'uma dessas occasiões e então poderá calcular o que eu soffri uma noite destas passando pela praça da Constituição, fechei os olhos para não ficar cego, espirrei, engasguei-me e querendo tomar a rua da Carioca dei com as ventas nas paredes do club, ah! meio tonto abri os olhos, e, palavra que não sabia onde estava; a barraquinha tinha desaparecido, os repuchos nem sombra, finalmente nada tinha escapado á terrivel mania das vassouras municipaes, a *união*, a *justiça*, a *fidelidade*, tudo.... tudo.... até a constituição collocada na mão do Augusto fundador do Imperio estava coberta de poeira! Sacrilegio!

Senhores municipaes

Basta de tanta poeira

O povo já não vê nada

Não precisa mais cegueira!

Esta quadrinha é da lavra de meu charuto; o traante tambem é posto! Mania de charuto.

A respeito de theatros, as novidades são escasas, diz a fumaça de meu charuto, que a cabeça que falla (antes não fallasse) corre quasi parellas com a espada que o saudoso Telles engulia, e que o opio e o champagne está no caso dos dous sonetos que apresentarão a Boeage! Mas porque? perguntei-lhe eu, ouvi a conversa de dous espectadores nas cadeiras, respondeu-me elle, um dellas era amigo da caixa e do Furtado, o outro tinha chegado de Lisboa e ia pela primeira vez ao Gymnasio:

— Então, dizia o primeiro, o senhor parece que gostou mais hoje do opio do que nas outras representações, podéra o empresario tornou a fazer ensaios da operetta.

— O senhor não tem razão, disse-lhe o segundo, eu apesar de ser a primeira vez que a vejo, acho que esta não é a melhor representação.

— Então porque, meu amigo?

Porque as outras não podem ser peor do que esta, respondeu-lhe o alfaiate, virando-lhe as costas.

Achão-se contractados neste theatro Adelaide do Amaral e Luiz Carlos Amoedo, diz a farraga do meu charuto que finalmente o Furtado conheceu que tinha necessidade de uma primeira dama e de um primeiro actor dramático, cousa que por lá não apparece ha muito tempo.

Enfim esta noticia alegrá-me, não gostava de ver a Ismenia deslocada nem o Furtado *assarapantado* (deixem passar) faço votos para que os novos contractados sejam felizes e que Deus os arrede dos pannos de fundo e das camisas de *chita*.

### Um passeio no Jardim

PELO

Dr. MOÇO BONITO

O Sr. Ambrosio da Parificação Constantino Fortuna, é homem dos seus 45 annos já puxados, corpulento, baixo, com nariz aquilino, o labio inferior já caído e grosso, cabeça calva, olhos pequenos, usa oculos de prata dourada, toma café, tem um intolleravel pigarro, que massa constantemente a paciência do proximo, e falla a mais não poder!

Sua mulher é um contraste perfeito! D. Brigida Angelina Travassos de B. Moura e Peniche é uma senhora excessivamente magra e tão magra como... uma agulha (amos d'zer palito, mas o palito não exprimeia bem a ideia; falla raras vezes, cospe desesperadamente, é estúpida como um marisco e acrescentou o sobrenome de *Peniche*, ao do seu caro esposo — «por dar-lhe no gito» — como ella diz.

O Sr. Ambrosio, é filho unico de Vespucio Aristarco Conegundes da Silva Torres e Andrade, neto de um celebre capitão-mór, que foi empregado no tempo do defuncto rei, na capitania do Espírito Santo e notavel por ter sua mulher dado á luz tres netos filhos, no sempre lembrado dia annivrsario do terremoto de Lisboa.

D. Brigida é 14ª filha de um alcaide portuguez, amigo correligionario politico de Vespucio, que viajou a India e morreu pobre.

O par de gallhetas, que apresentamos á consideração dos amáveis leitores e leitoras da *Vida Fluminense*, existe modestamente lá para as bandas da Saúde em casa de pouca apparencia, onde vive em *commandita* com 5 filhos, dos quaes 2 varões e 3 mulheres, dignos brótos d'esse tronco illustre!

A profissão do Dr. Ambrosio é algum tanto duvidosa; uns comem-o por procurador de causas, outros fazem do nosso homem — negociante retirado — mas o certo é que o dinheiro corre-lhe a valer e não ha Domingo, que a illustre prole deixa de receber seus 4 vintens, para *bulas e pés de moleque*.

Para encurtar razões, fiquem sabendo que as meninas chamão-se: Guilhermina, Josepha e Pureza; os rapazes — Janjão e Manduca, como os tratão em casa.

Guilhermina tem 20 annos, namora um moço empregado na Typographia do Diário.

Josepha tem 17, é mais bonita que sua irmã mais velha, gosta muito de moços e ainda está para decidir a quem dará seu coração, se ao filho do seu José da venda, se ao caixeiro da padaria fronteira.

Pureza é menina de 15 annos, pura como todas as cousas puras, despidá d'essas vaidades mundanas e só acha prazer em comer pão com manteiga ao almoço, ao meio dia, ao jantar e ao chá!

Janjão é um latagão que estuda pela 2ª vez o 1º anno da Escola Central; é vivo... iamoz dizer moleque e madrasso como um jumento que empaca!

Manduca é menino de 13 annos, caixeiro de um armariinho da rua do Hospício — mas vem dormir á casa todas as noites.

Em casa de Ambrosio ha um papagaio, tagarella como uma pèga; um gato a que chamão *Bibi*; um cachorrinho felpudo que é de Josepha; um gatinho branco e preto, que foi apanhado na rua em noite de chuva e um cão amarelo, d'esses que se encontra em cada esquina.

Uma velha preta Maria, cosinba e lava; Pedro é o cop-irô e faz todo o serviço de casa, até mesmo o mais baixo, pois a Companhia de Esgoto, por improvidencia ou pouco caso, até agora deixou de collocar o seu receptaculo em casa de Ambrosio.

Isto posto, entremos em materia.

Erão 6 1/2 da manhã de um Domingo. Uma gondola estacionava no Largo do Paço, tendo o distico — «Jardim» — em letras vermelhas sobre chapa de ferro pintado de branco. A familia do Sr. Ambrosio a 10 minutos que se achava reunida, digo mal — encaquestada dentro do vehiculo e esperavão com soffreguidão digna de nota o signal da partida, confirmando assim aquelle dictado antigo: «—O melhor da festa é esperar por ella!

(Continúa.)

Porque as outras não podem ser peor do que esta, respondeu-lhe o alfacinha, virando-lhe as costas.

Achão-se contractados neste theatro Adelaide do Amaral e Luiz Carlos Amoedo, diz a fumaca do meu charuto que finalmente o Furtado conheceu que tinha necessidade de uma primeira dama e de um primeiro actor dramatico, coisa que por lá não apparece ha muito tempo.

Enfim esta noticia alegra-me, não gostava de ver a Ismenia deslocada nem o Furtado *assarapantado* (deixem passar) fazer votos para que os novos contractados sejam felizes e que Deus os arrele dos paños de fundo e das camisolas de *chita*.

### Um passeio ao Jardim

PELO

DR. MOÇO BONITO

O Sr. Ambrosio da Purificação Constantino Fortuna, é homem dos seus 45 annos já puxados, corpulento, baixo, com nariz aquilino, o labio inferior já cahido e grosso, cabeça calva, olhos pequenos, usa ocules de prata dourada, toma café, tem um intolleravel pigarro, que massa constantemente a paciencia do proximo, e falla a mais não poder!

Sua mulher é um contraste perfeito! D. Brígida Angelina Travassos de F. Moreira e Penche é uma senhora excessivamente magra e tão magra como... uma agulha (amos dizer palito, mas o palito não exprime bem a ideia); falla raras vezes, cospe desesperadamente, é estúpida como um marisco e acrescentou o *sobrenome de Penche*, ao do seu caro esposo — «por dar-lhe no gsto» — como ella diz.

O Sr. Ambrosio, é filho unico de Vespucio Aristarco Conegundes da Silva Torres e Andrade, neto de um celebre capitão mór, que foi empregado no tempo do defuncto rei, na capitania do Espirito Santo e notavel por ter sua mulher dado á luz tres nélios filhos, no sempre lembrado dia annivrsario do terremoto de Lisboa.

D. Brígida é 14ª filha de um alcaide portuguez, amigo correligionario politico de Vespucio, que viajou a India e morreu pobre.

O par de gallotas, que apresentamos á consideração dos amáveis leitores e leitoras da «*Vida Fluminense*», existe modestamente lá para as bandas da Saúde em casa de pouca apparencia, onde vive em *commandita* com 5 filhos, dos quaes 2 varões e 3 mulheres, dignos brótos d'esse tronco illustre!

A profissão do Dr. Ambrosio é algum tanto duvidosa; uns comem-o por procurador de causas, outros fazem do nosso homem — negociante retirado — mas o certo é que o dinheiro corre-lhe a valer e não ha Domingo, que a illustre prole deixe de receber seus 4 vintens, para *bulas e pés de moleque*.

Para encurtar razões, fiquem sabendo que as meninas chamão-se: Guilhermina, Josepha e Pureza; os rapazes — Janjão e Manduca, como os tratão em casa.

Guilhermina tem 20 annos, namora um moço empregado na Typographia do Diario.

Josepha tem 17, é mais bonita que sua irmã mais velha, gosta muito de moços e ainda está para decidir a quem dará seu coração, se ao filho do seu José da venda, se ao caixeiro da padaria fronteira.

Pureza é menina de 15 annos, pura como todas as cousas puras, despidida d'essas vaidades mundanas e só acha prazer em comer pão com manteiga ao almoço, ao meio dia, ao jantar e ao chá!

Janjão é um latagão que estuda pela 2ª vez o 1º anno da Escola Central; é vivo... iamoz dizer moleque e madrasso como um jumento que empaca!

Manduca é menino de 13 annos, caixeiro de um armazinho da rua do Hospicio — mas vem dormir á casa todas as noites.

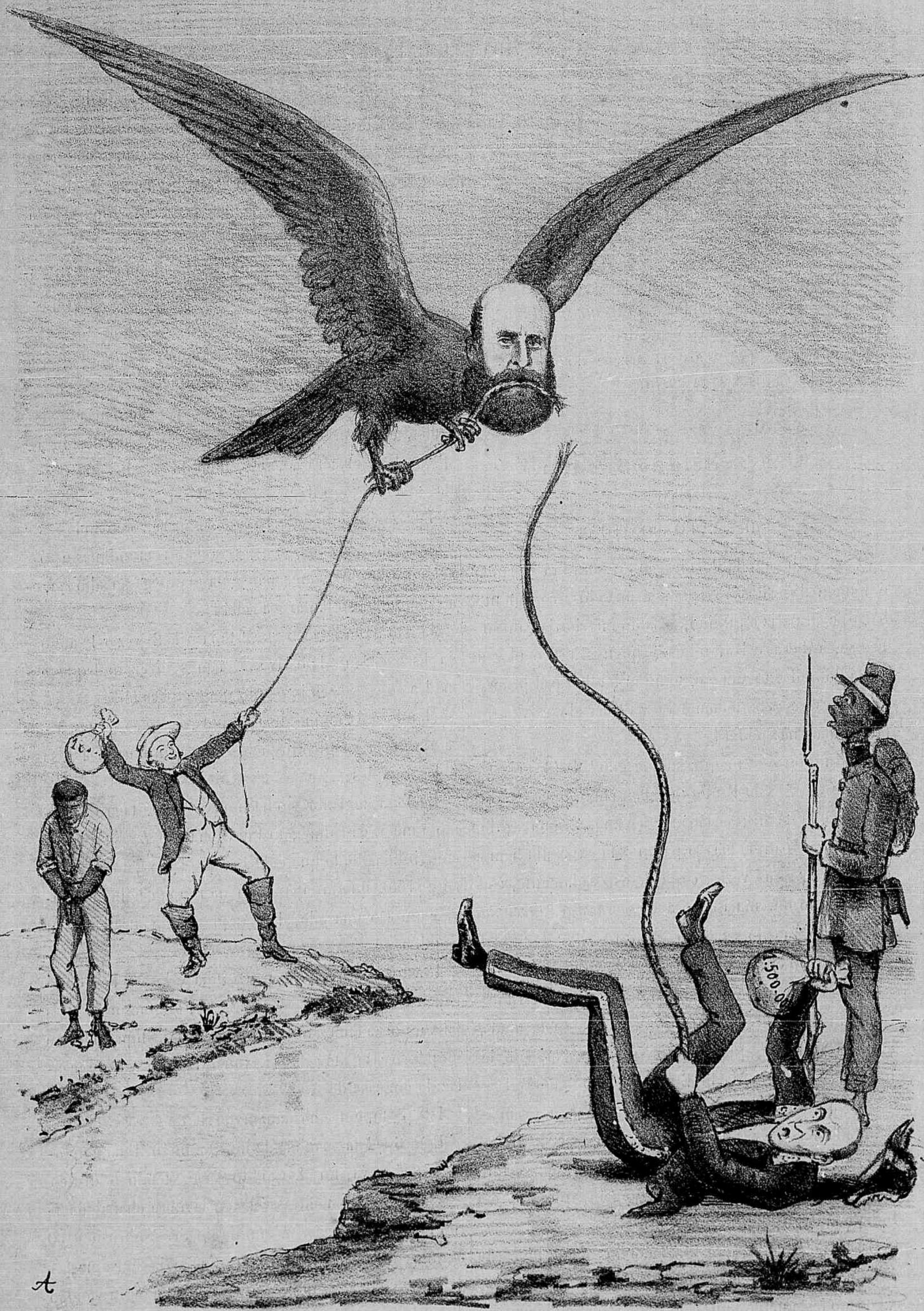
Em casa de Ambrosio ha um papagaio, tagarella como uma pèga; um gato a que chamão *Bibi*; um cachorrinho felpudo que é de Josepha; um gatinho branco e preto, que foi apanhado na rua em noite de chuva e um cão amarelo, d'esses que se encontra em cada esquina.

Uma velha preta Maria, cosinba e lava; Pedro é o copiro e faz todo o serviço de casa, até mesmo o mais baixo, pois a Companhia de Esgoto, por impróvidencia ou pouco caso, até agora deixou de collocar o seu receptaculo em casa de Ambrosio.

Isto posto, entremos em materia.

Erão 6 1/2 da manhã de um Domingo. Uma gondola estacionava no Largo do Paço, tendo o distico — «Jardim» — em letras vermelhas sobre chapa de ferro pintado de branco. A familia do Sr. Ambrosio a 10 minutos que se achava reunida, digo mal — encaquestada dentro do vehiculo e esperavão com suffreguidão digna de nota o signal da partida, confirmando assim aquelle dictado antigo: «—O melhor da festa é esperar por ella!»

(*Continúa.*)



0  
1

at

Ave de rapina da familia dos roedores... de cordas.  
(ainda não descripta por Buffon)

nem pela logica dos raciocinios, nem pelados musculos.

Ao cabo de cinco ou seis annos de luta suas crenças religiosas conservavão-se inabalaveis; mas notava-se que se ia operando uma rapida transicção no seu modo de viver. Armando já não se mostrava tão prompto para as escaramuças como seu amigo. Já não corria pelas planicies e bosques á cata de perdizes e lebres; evitava discussões theologicas; não arregimentava seu novel exercito, nem feria mais aquellas celebres batalhas em que desenvolvia tanto tino, quanta bravura. Pelo contrario, passeava só e triste nos mais reconditos valles, gravando duás letras nos troncos dos arbustos, como fazião os pastores de Virgilio.

Erão as duas letras as iniciaes de Adriana de Souvigny, sua companheira de infancia.

## II

## O CASTELLO DA GRANDE FORTELLE

Armando e Adriana habitavão desde muitos annos, nos confins da Marche e do Bourbonnais, um velho castello, desmantellado pelas guerras religiosas. Adriana chegára ao castello não tendo ainda quatro annos de idade. Armando tambem contava apenas oito ou nove.

Adriana era uma orphã e não tinha outro protector senão um certo marquez de Pardaillan, seu tio, que residia na Suecia, onde se dizia ter fallecido o visconde de Souvigny, pai de Adriana, deixando grande fortuna.

Havia quinze dias que a menina viajava, em companhia de um velho criado. Estavão ainda muito longe da Suecia e no entanto caminhavão tão lentamente! Os caminhos achavão-se infestados de ladrões e assassinos, pelo que só se podia viajar em certas horas do dia e sempre com muita cautela. O velho criado, que não primava pela bravura, sentia calafrios cada vez que tinha de pôr-se a caminho, e nunca perdia o ensejo de pedir hospitalidade em quanto castello deparava no caminho. Foi assim que Adriana hospedou-se no castello da Grande Fortelle, onde foi recebida como filha pelo Sr. de Charnaille, avô e tutor de Armando, e contra-parente do visconde de Souvigny.

Oito dias depois da chegada o criado velho disse tris-

temente que se fazia mister continuar a jornada. Adriana chorou muito. O Sr. de Charnaille commovido pediu que se adiasse a partida para o dia seguinte.

No dia seguinte a menina ardia em febre. Quando melhorou d'ahi a duas semanas, era impossivel seguir viagem; as chuvas copiosas e contínuas tinhão alagado tudo. Veio depois o inverno.

O rigor do tempo, a bondade do Sr. de Charnaille e a timidez do criado velho fizerão com que, devendo partir todos os dias, Adriana ainda estivesse no castello da Grande Fortelle seis annos depois. Uma noute o criado, que por habito ainda dizia ás vezes — partiremos amanhã — dormio para nunca mais acordar.

Quando sentio que ia morrer, chamou a menina e abraçando-a murmurou: « Diga ao Sr. Pardaillon, que a culpa não é minha.» Depois voltando-se para Sr. de Charnaille, disse: « Eu vol-a recommendo... amai-a como se fosse vossa filha.»

E expirou.

Adriana declarou que não arredava mais pé d'ali e assim foi que uma orphã, que só devia demorar-se oito dias no castello lá ficou até os quatorze annos.

O castello da Grande Fortelle não passava de um edificio arruinado, meio praça de guerra, meio granja, cujas muralhas mal seguras occupavão o cume de um monticulo, á entrada de um valle semeado de pantanos e bosques. Duas velhas torres com setteiras davão-lhe de longe uma tal ou qual apparencia feudal, que era de perto desmentida pelos fossos quasi de todo entulhados, pelos curraes e cavalhariças apoiados nas trincheiras, e pelos celleiros assentados sobre as ruinas das abobadas.

Em 162... era o castello habitado pelo Sr. de Charnaille, por seu neto Armando, por Adriana de Souvigny e por uma duzia de famulos, lavradores, moços de estrebria e lacaios. Não se podia dizer que semelhante corpo de exercito inspirasse muito medo aos salteadores que em bandos infestavão aquellas paragens; mas era tão bem quisto o castellão que, ao primeiro tiro, ao primeiro signal de alarma que desse, terião corrido em seu auxilio todos os camponezes e fidalgotes da vizinhança, aquelles armados de forcados, estes de arca-buzes enferrujados. (Continúa.)

## ELYSEU

36 RUA D'EL-REI—NICTHEROY—RUA D'EL-REI 36

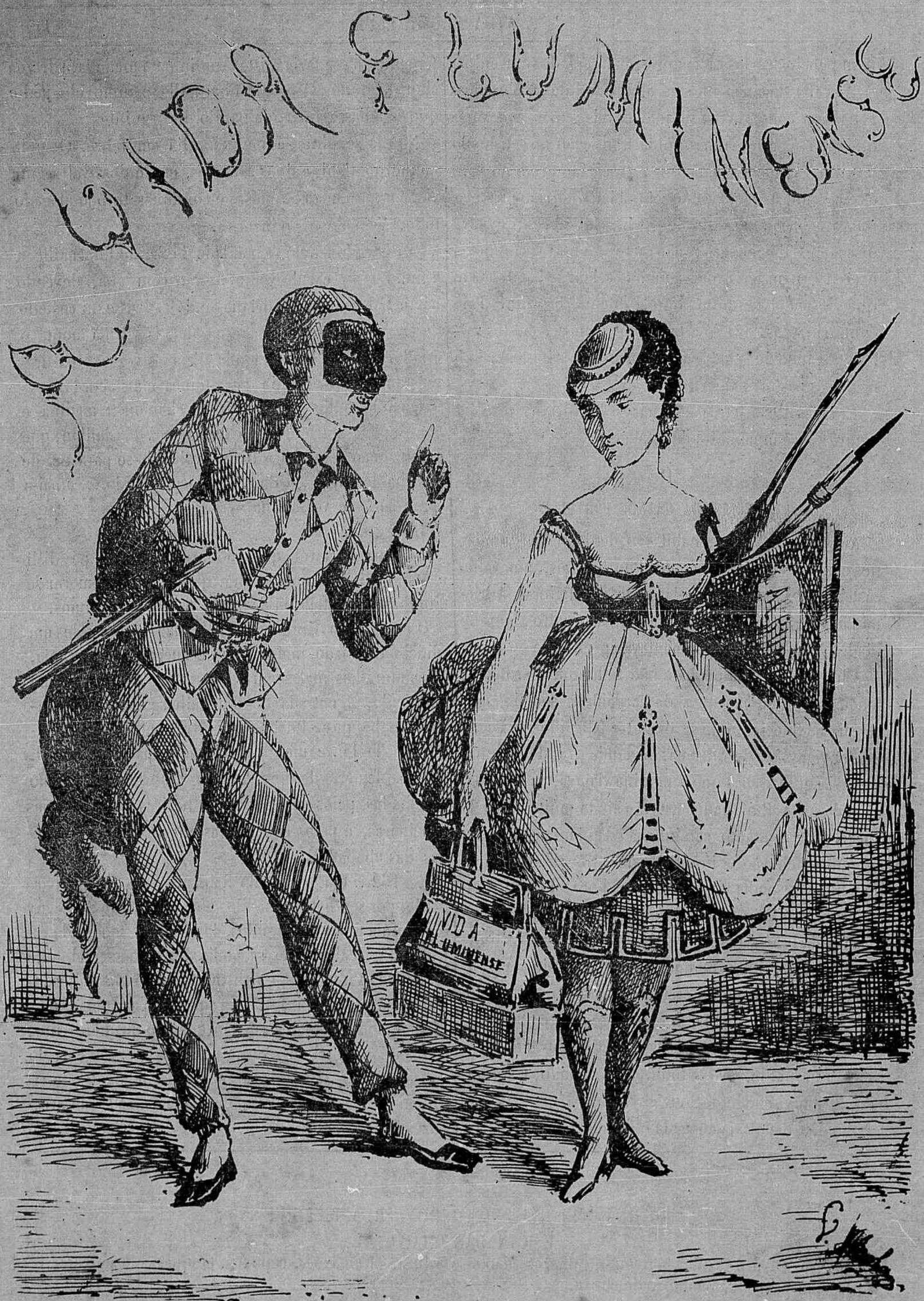
E RUA DAS CHAGAS G

Theatro, Salão de baile, botequim, bilhares salão de verdura, caramaxões, repuxos, tanques com peixes, viveiros com passaros, banheiro de chuva.

SALAS E QUARTOS MOBILIADOS

Gelo, charutos, vinhos, cervejas nacionaes e estrangeiras, refrescos, cognac, genebra, bitter.

AGUA GAZOZA AMERICANA



És a *Vida Fluminense*, e como tal tens de illustrar os costumes, os factos, os ridiculos, as modas, os progressos, o carrancismo, as intrigas, tudo emfim quanto ha de bom e máo n'esta terra que te vio nascer. Trabalha com affinco! Procura agradar. Vê lá! Não me deixes ficar mal! Lembra-te, irmansinha, que um publico muito sympathico te contempla!